Grande sermão de S. Martinho

Lisboa

[188-?]

BIBLIOGRAPHIC RECORD TARGET
PRESERVATION OFFICE
CLEVELAND PUBLIC LIBRARY

RLG GREAT COLLECTIONS
MICROFILMING PROJECT, PHASE IV
JOHN G. WHITE CHAPBOOK COLLECTION

Title : Grande sermão de S. Martinho : para ser prégado na Sociedade Vino-litteraria em 11 de novembro / tirado d'uns antigos in-folios pelo abbade Diogo de Seromenho.
Imprint : Lisboa : Livraria popular de Francisco Franco, [188-?]
Format : 8 p. ; 18 cm.
Note : Cover title.
Note : Title vignette (woodcut).
Subject : Chapbooks, Portuguese.
Added Entry : Martin, Saint, Bishop of Tours, ca. 316-397.

MICROFILMED BY
PRESERVATION RESOURCES (BETHLEHEM, PA)
On behalf of the
Preservation Office, Cleveland Public Library
Cleveland, Ohio, USA
Film Size: 35mm microfilm
Image Placement: IIB
Reduction Ratio: 8:1
Date filming began: 9/29/94
Camera Operator: AL

BIBLIOTHECA POPULAR

GRANDE SERMÃO
DE
S. MARTINHO

PARA SER PRÉGADO NA

SOCIEDADE VINO-LITTERARIA

EM 11 DE NOVEMBRO

Tirado d'uns antiges in-folios

PELO ABBADE

DIOGO DE SEROMENHO



LIVRARIA POPULAR
DE
FRANCISCO FRANCO
60, Travessa de S. Domingos, 60
LISBOA

GRANDE SERMÃO DE S. MARTINHO

Bacchus est Deos Borrachorum.
Horacio (Ode bacchanal).

Meus irmãos, as coisas grandes são para os homens grandes, dizia Cicero, mas como *Videre et credere,* como S. Thomé, é preciso que não sómente se digam as cousas, mas se provem.

E' espinhosa a minha missão, mas ávante. Veneremos o nosso grande padre S. Martinho, do qual dizem todos os sabios do mundo — *Benedicta excellentia tua!* que quer dizer — Como passaste, oh! Martinho? — Agora podiam dizer os meus illustradissimos e sapientissimos ouvintes: *Quare causa,* porque razão? Porque Martinho é o mais grande, entre os grandes, o mais sabio, entre os sabios, sabiosinhos e sabões!

Martinho vem uma vez cada anno (sem ser pela quaresma) assistir ás nossas bacchanaes, e em recompensa só exige que lhe chamemos Papa, e ao seu companheiro Rapa. Honra e gloria ao memoravel dia 11 de Novembro. Graças vos damos, oh! glorioso Martinho, por todos os seculos. Amen.

Podia aqui introduzir milhares de figuras e flores de rethorica, mas eu estou lendo nos alegres e avinhados rostos dos meus ouvintes o louvavel desejo de que eu tambem falle do grande, immenso e poderoso Deus Baccho. Vou fazer a diligencia de bem desempenhar a minha missão.

Non estis vos qui loquimine sed spiribus qui loquistur, o que não sei o que quer dizer. Honrado Deus do vinho! nôs, os nossos subditos, vos enviamos muito saudar, como aquelle que muito amamos e prezamos.

Inspirae-me com tamanha bebedeira:

Que eu possa com fervor, engenho e arte,
O teu nome cantar por toda a parte.

Temos por ahi uma cambada de Deuses, taes como Plutão, Neptuno, Marte, Mercurio, etc., que para nada servem, só o nosso divino Baccho é util á humanidade, como são os opusculos do grande estylista Jayme José Ribeiro de Carvalho. A sua religião não tem mais que dois preceitos que nada custam a observar. Amor ao vinho—Horror á agua.—Estes dois mandamentos se encerram em um—Beber vinho até cahir— Esta sublime religião é conhecida de todos os povos do mundo. Em Athenas um poeta chinez escreveu a seguinte pindaria quadra:

Quem no lagar te espremeu
O' vinho, licor sagrado!
Certamente está no céo,
N'uma pipa escarranchado.

Voltaire, n'uma questão que teve com alguns ignorantes, que discutiam qual tinha mais poder, se o vinho ou se o amor, escreveu o seguinte:

Baccho adormece a razão
Com seu liquido não traidor,
Deita por terra os amantes,
Faz esquecer o amor.

Porém, meus queridos companheiros, vivem espalhados por toda a parte uns patifes de sotaina, que são inimigos do nosso Deus, por ordem d'um maroto chamado Mafoma (que ainda hei de ver preso pela policia civil) que antes queria mulheres do que vinho, e que convenceu todos os ignorantes a que não bebessem vinho! Requeiro que se querelle de tamanho patife.

Lá vae agora um bocado de latim—*Velociter currit sermo ejus*—que quer dizer, corre veloz a sua palavra.

Ninguem é capaz de nos vencer. *Ego sum invictus!* Deixar o vinho! beber agua! *Vade retro, Satanás!* Viva sempre o vinho, porque se não fosse elle a terra não seria povoada, quereis a prova?

Noé que andou quarenta dias boiando n'uma barca, de sociedade com uma grande quantidade de bichos, para escapar ao diluvio universal, e saltando afinal em terra firme, foi dar o seu passeio, e entre muitas plantas encontrou a videira, provou os bagos, e gostando espremeu-os, e observou que sahia d'elles um nectar sublime; continuou e fez o vinho, foi portanto Noé o inventor do vinho, e Baccho o seu patrono.

Noé tinha duas filhas, mas não havia nenhum homem com quem ellas casassem, porque tinham morrido todos no diluvio, por conseguinte havia alli ponto final na propagação, ficava a terra só povoada pelos taes bichanos, que vinham na arca. Mas as filhas de Noé, muito encavacadas com tão triste futuro, pensaram no meio de o prevenir, e acertaram. Embebedaram o pae, com o vinho que elle fazia, e foram-se dei-

tar com elle. Tiveram da carraspana do pae muitos filhos, e o mundo começou de novo a ser povoado.

Logo do vinho é que descendemos. Todos somos filhos da santa bebedeira de Noé.

Quereis exemplos? Veja-se uma meza coberta das melhores iguarias, no principio reina a delicadeza e o silencio, mas logo que entram a desfilar as garrafas, tudo é pandega e alegria. Tenho provado que o saudavel preceito de—Amor ao vinho—é tudo dirigido a nosso bem, pelas provas que tenho apresentado. E como as razões de louvor são infinitas, páro n'este ponto para não enfadar os meus avinhados ouvintes.

Agora vou tratar do segundo preceito—Horror á agua.—Este preceito só, vale mais que todos os tratados de hygiene. Vou provar o que digo, diz uma sentença latina—*Guto cavat lapidem*—que quer dizer—as gottas d'agua cavam a pedra.—Ora fazendo a agua buracos na pedra, quantos furos farão no nosso estamago muitos copos com agua!!!... Logo horror á agua.

Eis aqui mais uma razão porque se tem feito as maiores diligencias para reunir o vinho com a agua, mas não tem sido possivel, entre estes dois liquidos ha uma antipathia mortal. O nobre vinho despreza a humilde agua.

Todos sabeis que o celebre Sancho Pansa, escudeiro do invencivel D. Quixote, quando foi governador de uma ilha, sentenciou um taberneiro por ter deitado agua no vinho. O illustrado governador entendeu que o criminoso tinha manchado o vinho, misturando-o com a ridicula agua, faltando-lhe assim ao respeito devido; e para que não tornasse a acontecer outra, o sentenciou á morte.

Vêde como é antigo o desprezo á agua! E o magistrado teve razão

O vinho antes de vir ter ao nosso estomago, purifica-se a si mesmo, expellindo todas as materias estranhas que nos possam damnificar, vindo assim puro á nossa bocca. Até o seu sarro é preciso, é o tartaro das pharmacias.

A agua, porém, na passagem do esofago d'aquelles que a estimam, vem sobrecarregada d'extractos de argilas, e de uma infinidade de bichos invizíveis e algumas vezes miasmas pestiferos que nos matam.

Já tenho dó da pobre agua. Não a quero mortificar mais. Basta.

Provei tudo quanto disse, estou satisfeito, por isso, meus bebedissimos collegas, copo na mão.

Repetatur brindus... *Salutem nostra*, á saude de todos vós, meus amigos. *Catados bonus nil la est comparatio*. Bebamos á glória do excelso e preclado Martinho. *Pax et contentus vobis*. Disse.

*

* *

Lamentação e requerimento dirigido ao ministro F..., contra o abuso dos taberneiros deitarem agua no vinho.

Chorae, ó tristes devotos,
Do nosso santo Martinho,
Que os malditos taberneiros
Não nos deixam beber vinho.

Inventaram que o Deos Baccho,
Dera molestia nas uvas.
Uns que por não ter chovido,
Outros que por muitas chuvas.

Mui contentes levantavam
Os soberbos charlatães
O reles vinho de seis,
A sete, e oito vintens.

E não temem os tyrannos
Que a divindade os castigue,
E que muitos bons cajados
Nas tabernas os fustigue.

Não fôram precisas côrtes
Para o barbaro tributo;
Mas nós choramos de raiva,
E os ladrões fumam charuto.

Accudi, oh! senhor ministro!
Deve intervir o poder
Venha mesmo a força armada
Tal desaforo conter.

Ah! se eu fôra o grande Baccho,
Sem fazer grande milagre,
Transformava-lhe os seus vinhos
No mais patife vinagre.

Caia n'elles esta praga
Fechemos-lhe os armazens,
Até que esta sucia ponha
Todo o vinho a dois vintens.

E. R. M.[ce]

Typ. Rua do Diario de Noticias, 93, 3.°